

GERMANA FARIAS CAVALCANTE

SAUSSURE REVISITADO

PORTO ALEGRE

2011

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

INSTITUTO DE LETRAS

SAUSSURE REVISITADO

GERMANA FARIAS CAVALCANTE

ORIENTADOR: PROF. DR. VALDIR DO NASCIMENTO FLORES

Trabalho de conclusão de curso apresentado junto
ao curso de Letras da UFRGS, como requisito
parcial para obtenção de título de Licenciado.

PORTO ALEGRE

2011

ao meu pai, pela razão

à minha mãe, pela loucura

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu pai, que me deu o gosto pela leitura com seu exemplo de deleite com um livro em suas mãos, e à minha mãe, que me ensinou o gosto pelas línguas e palavras, com seu léxico exótico, de cearense que ela muito preza. Presto uma homenagem especial à minha irmã Juliana (*in memoriam*) que me ajudou acertadamente a escolher este curso.

Faço também um agradecimento sincero ao corpo docente do Instituto de Letras da UFRGS, especialmente ao professor Valdir, que considero um mestre. Quero também agradecer as professoras Luiza Surreaux e Carmen Luci Costa e Silva pela disponibilidade de ler este trabalho.

É com grande carinho que agradeço aos meus amigos, por terem me acolhido sempre com tanta ternura. Quanto ao TCC, agradeço à Larissa pela revisão do abstract e à Letícia pela revisão do texto. Agradeço, também, ao Vítor pela leitura, pelas sugestões e pela crítica sempre muito bem posta. Pela ajuda indireta, agradeço à Fernanda, pelas perguntas certas e mais uma vez ao Vitor por ser uma fonte de conhecimento e pelas conversas férteis. Obrigada pela paciência, pelas conversas, por me ouvir, pela amizade.

RESUMO

O *Curso de Linguística Geral* (doravante CLG), de Ferdinand de Saussure, é considerado o livro fundador da linguística como estudada atualmente. Apesar de ter tido papel decisivo na forma como a língua é estudada, o livro de Saussure também foi alvo de críticas e de questionamentos. Esses questionamentos vieram do fato de que o livro não foi escrito por Saussure e, sim, feito a partir de anotações dos seus alunos durante as aulas do curso que ele ministrava na Universidade de Genebra. As críticas são referentes a como o CLG foi organizado e se ele realmente refletiria o que Saussure vinha estudando ou pensando sobre a linguística, a língua e a linguagem.

Sendo a leitura um ato individual e subjetivo, sujeito a ser atravessado por diversos fatores de ordem inconsciente, esta monografia visa ler algumas destas críticas para apresentá-las como resultado de desejos e posições teóricas ou pessoais dos leitores em questão.

Essa mesma individualidade, no entanto, também resulta em leituras enriquecedoras, que acrescentam ao conhecimento do texto original pontos de vista ainda mais complexos que justificam sua leitura e a continuidade dos estudos sobre o CLG.

Este trabalho é fruto de leituras e, como tal, também sujeito às mesmas leis: a lei do desejo, a lei das filiações teóricas, a lei da subjetividade. É um trabalho teórico que foi feito baseado nas leituras dos autores aqui tratados. Os textos foram lidos levando-se em consideração sua posição histórica e teórica para, então, ser visto do ponto de vista teórico adotado pela autora.

Após todas as leituras, vê-se que a leitura dos textos fundadores é de vital importância para que o leitor possa se posicionar como sujeito. Ler apenas leituras é ler outra coisa, outro texto, outro autor. Estar exposto apenas a excertos é abrir mão de se responsabilizar pela própria interpretação, de assumir uma posição teórica e de ser autor dos seus próprios textos.

PALAVRAS-CHAVE: *Curso de Linguística Geral, leitura, língua, linguagem, Saussure.*

ABSTRACT

The book *Course in General Linguistics*, by Ferdinand de Saussure, is considered the work which founded the way linguistics is studied nowadays. Even though it has been decisive on how language is studied, Saussure's book has been subjected to criticisms and questionings. These questionings come from the fact that Saussure did not write the book himself since it was made from students' notes taken during the course he gave at the University of Geneva. The criticisms refer to the way the *Course* was organised and whether it really reflected Saussure's ideas about linguistics, language and *langue*.

Being the act of reading one that is individual and subjective, influenced by several factors which are not always conscious, this monograph aims at reading some of these criticisms and presenting them as the result of desire and theoretical or personal positions.

This same individuality, nonetheless, can also result in richer readings which add to the knowledge of the original book, bringing up more complex points of view that justify reading and studying the *Course*.

This monograph is the result of reading and, as such, is also subjected to the same laws: the law of desire, the law of theoretical positions, the law of subjectivity. It is a theoretical work based on my readings of the authors here dealt with. These authors were read taking into consideration their historical and theoretical positions so that they could be seen from the theoretical point of view adopted on this work.

Taking everything into consideration, one can see that reading an original text is of vital importance for the reader to be able to put oneself in the position of an individual subject. Reading only other authors' interpretations of an original text is reading something else, another text, another author. Exposing oneself to exerts only is giving up responsibility for one's own interpretation, giving up assuming one's own theoretical position as well as being the author of one's own texts.

KEYWORDS: *Course in General Linguistics, langue, language, reading, Saussure.*

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO 1 – A produção do CLG e a carta a Meillet	12
I. A carta a Meillet	12
II. Sobre como o CLG foi produzido	13
CAPÍTULO 2 – Leitura	15
I. Lendo a leitura	17
CAPÍTULO 3 – Os autores	
I. Louis-Jean Calvet – Uma leitura engajada	23
II. Jonathan Culler – Em busca de leitores	26
III. Georges Mounin – Estruturalista	29
IV. Françoise Gadet – Uma leitura em busca de unidade	34
V. Émile Benveniste – Uma homenagem	38
CONCLUSÃO	43
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	47

Não: não digas nada!
Supor o que dirá
A tua boca velada
É ouvi-lo já
É ouvi-lo melhor
Do que o dirias.
O que és não vem à flor
Das frases e dos dias.

És melhor do que tu.
Não digas nada: sê!
Graça do corpo nu
Que invisível se vê.

Fernando Pessoa

É curioso como não sei dizer quem sou. Quer dizer, sei-o bem, mas não posso dizer. Sobretudo tenho medo de dizer, porque no momento em que tento falar não só não exprimo o que sinto como o que sinto se transforma lentamente no que eu digo. Ou pelo menos o que me faz agir não é o que eu sinto mas o que eu digo.

Clarice Lispector

INTRODUÇÃO

Escrever este Trabalho de Conclusão de Curso foi um exercício de leitura.

Como parte integrante do curso de Letras, somos requisitados a escrever um trabalho de conclusão do curso. Este trabalho tem como princípio ser um texto relativamente aprofundado de algum dos assuntos estudados durante a graduação. A escolha do assunto é livre para o aluno graduando e é, em geral, algo que o convoca a pensar, que o intriga, que o questiona e para o qual ele se sente compelido a produzir algo, a escrever sobre o assunto.

No meu caso, procurei discorrer sobre um tema que pouco se viu durante o curso. Saussure é citado e se estuda os desdobramentos do seu trabalho mais conhecido, o *Curso de Linguística Geral*, mas pouco se lê deste livro em si, o original. Os motivos para isto ainda permanecem obscuros para mim. Há quem diga que é um texto de difícil acesso. Há quem diga que ele, em si, já não teria valor e que seria mais produtivo estudar o que dele se escreveu visto que estaria mais aprofundado, menos geral e, logo, mais específico. No entanto, do pouco que vi, li e ouvi, percebi que se trata de um texto rico e ainda apenas superficialmente estudado. Resolvi, então, trabalhar com ele, para melhor conhecê-lo e ter uma visão mais acurada do que dele se desenvolveu.

Minha ideia inicial era a de trabalhar a dicotomia fundadora da linguística que estudamos, a dicotomia *língua/fala*. Essa dicotomia, contudo, foi logo descartada pois, tendo sido o *Curso* um produto de anotações de alunos, este sofreu, nas mãos dos editores, mudanças estruturais que desconfiguraram o texto, dando a ele um tratamento e criando um resultado que, apesar das controvérsias também sobre este aspecto, parece ter influenciado a leitura por um viés que não era o que o próprio Saussure teria dado às suas elucubrações sobre a *língua*.

Um exemplo que pode ser dado é que a separação da *língua* e *fala*, que é o que funda a linguística, é, na realidade, o resultado lógico de todo um raciocínio feito pelo autor que foi, na edição do livro, manipulado de forma a já de início fundar a linguística que os autores (colegas e o editor) queriam. Não sendo a dicotomia *língua/fala* a grande fundadora do raciocínio de Saussure, tive que me adaptar e repensar meu TCC.

Decidi, então, ler sobre o homem que, no fim, foi quem deu início a tudo isto. Resolvi estudar a trajetória do trabalho de Saussure através das leituras que foram feitas sobre o *Curso* e sobre o material que deu origem ao *Curso*. Além disso, uma carta de Saussure foi usada pelos autores que eu estudei para exemplificar o que dele se fala.

Saussure parece ter sofrido em vida da incompreensão de seus pares. De fato, ele parece não ter tipo pares, não ter tido, ou ter tido muitos poucos interlocutores a altura de ouvi-lo. Descubri um homem atormentado pela nomenclatura usada em sua época para falar da *língua* e da linguagem. Um homem que não conseguia publicar, pois se via incapaz de usar as palavras que se usavam em sua época, palavras estas que careciam de rigor para falar dos fatos da linguagem.

Este trabalho se constitui da seguinte maneira:

Será apresentada a carta que Saussure enviou a Paul Jules Antoine Meillet neste primeiro momento, pois ela guia o entendimento do que foi, para Saussure, o trabalho com linguística. Nesta carta, Saussure se mostra descontente com o andamento da linguística feita naquela época e, também, com o fato de que ele não deseja escrever sobre o assunto, visto que não é seu assunto de interesse.

Em seguida, será apresentado resumidamente como o CLG foi produzido. Um dos questionamentos que surgiram sobre esta obra é exatamente o fato de que ela não foi escrita por Saussure, que é indicado como autor do livro. Se não foi ele quem escreveu, como saber se o livro é fiel aos pensamentos e às ideias de Saussure? Além da descrição da produção do CLG, descrição esta que foi mencionada pelos autores estudados para este trabalho, apresentam-se algumas das críticas feitas ao CLG por causa do modo como ele foi escrito.

O assunto tratado em seguida é a leitura. Sendo este um trabalho teórico, ele se baseia na leitura das obras escolhidas. Para isto, é preciso entender o que é a leitura. Buscou-se percorrer brevemente o caminho da disciplina de Teoria e Prática de Leitura do curso de Letras e adicionar a este resumo novos percursos de leitura. Para tal, foi lido Marcel Proust e Roland Barthes, autores que procuraram dar sua contribuição ao assunto.

A partir daí, começa o trabalho com os autores que trataram do CLG. Começando com Louis-Jean Calvet, que faz uma leitura engajada socialmente e pede que a linguística se interesse pelas questões sociais, visto que a *língua* é um produto social. Em seguida, apresenta-se Jonathan Culler, que faz uma leitura didática, de apresentação de Saussure e do CLG aos interessados pelo assunto. Sendo ele professor da Universidade de Oxford, vemos um autor que procura dar voz à obra e ao mestre para que eles possam chegar ao lugar que merecem nos estudos de sua época. O próximo autor tratado aqui é Georges Mounin, que lê Saussure como estruturalista, reforçando as ideias no CLG que deram origem ao movimento que formatou as ciências sociais por anos. Françoise Gadet aparece, então, como uma autora que leu em Saussure uma filosofia da linguagem – ela mostra que Saussure fez mais do que tratar da *língua*. Na sua leitura, vemos questionamentos de cunho filosófico, vemos questionamentos sobre a própria natureza da linguagem e de ontologia e epistemologia desta ciência da linguagem. Por fim, leu-se Émile Benveniste, que foi o linguista que deu continuidade aos estudos de Saussure. Neste texto, Benveniste presta sua homenagem ao mestre genebrino e advoga o reconhecimento do papel de Saussure na linguística.

A PRODUÇÃO DO CLG E A CARTA A MEILLET

Aparentemente, tanto o modo de produção do CLG quanto a carta¹ que Saussure enviou a Paul Jules Antoine Meillet são de suma importância, já que ambos aparecem em praticamente todos os livros lidos para esta monografia.

A CARTA A MEILLET

A carta enviada por Saussure a Meillet, em 4 de janeiro de 1894, diz muito da aflição de Saussure e o meio linguístico da época. Acredito ser importante dar a devida atenção ao que Saussure sentia, como ele via o que se passava a sua volta.

Versão original:

Mais je suis bien dégoûté de tout cela, et de la difficulté qu'il y a en général à écrire seulement dix lignes ayant le sens commun en matière de faits de langage. Préoccupé surtout depuis longtemps de la classification logique de ces faits, de la classification des points de vue sous lesquels nous les traitons, je vois de plus en plus à la fois l'immensité du travail qu'il faudrait pour montrer au linguiste ce qu'il fait ; en réduisant chaque opération à sa catégorie prévue ; et en même temps l'assez grande vanité de tout ce qu'on peut faire finalement en linguistique.

C'est en dernière analyse, seulement le côté pittoresque d'une langue, celui qui fait qu'elle diffère de toutes autres comme appartenant à certain peuple ayant certaines origines, c'est ce côté presque ethnographique, qui conserve pour moi un intérêt : et précisément je n'ai plus le plaisir de pouvoir me livrer à cette étude sans arrière-pensée, et de jouir du fait particulier tenant à un milieu particulier.

Sans cesse l'ineptie absolue de la terminologie courante, la nécessité de la réforme, et de montrer pour cela quelle espèce d'objet est la langue en général, vient gêner mon plaisir historique, quoique je n'ai pas de plus cher vœu que de n'avoir pas à m'occuper de la langue en général.

Cela finira malgré moi par un livre où, sans enthousiasme ni passion, j'expliquerai pourquoi il n'y a pas un seul terme employé en linguistique auquel j'accorde un sens quelconque. Et ce n'est qu'après cela, je l'avoue, que je pourrai reprendre mon travail au point où je l'avais laissé.

¹ Citado por Culler, p. 9; Mounin, p. 18/19; Calvet, p. 42; Gadet, p. 16; Benveniste, p.37/38; e Normand, p. 21

Tradução²:

Mas estou bastante descontente com tudo isso e com a dificuldade que há, em geral, de escrever que sejam dez linhas tendo bom senso em matéria de fatos da linguagem. Preocupado há muito sobretudo com a classificação lógica desses fatos, com a classificação dos pontos de vista sob os quais nós os tratamos, vejo cada vez mais a imensidão do trabalho que seria necessário para mostrar ao linguista o que ele faz; ao reduzir cada operação à sua categoria prevista; e, ao mesmo tempo, a bem grande vaidade de tudo o que se pode, afinal, fazer em linguística.

Em última análise, somente o lado pitoresco de uma língua, aquilo que a diferencia de todas as outras, como pertencente a certo povo, tendo certas origens, é este lado quase etnográfico que ainda me interessa; e, exatamente, não tenho mais prazer de me entregar aos estudos etnográficos sem esta dúvida e de usufruir de um fato particular estando num meio particular.

Sem cessar, esta inexatidão da terminologia atual, a necessidade de a reformular, e de mostrar para isto que espécie de objeto é a língua em geral, estragam o meu prazer histórico, de tal forma que eu não tenho mais como caro o meu voto de não tratar da língua em geral.

Isto vai acabar, apesar de mim mesmo, num livro onde, sem entusiasmo nem paixão, explicarei porque não há um só termo usado na linguística atual com o qual eu concorde. E, somente após isto, admito, poderei retomar meu trabalho no ponto onde o deixei.

SOBRE COMO O CLG FOI PRODUZIDO

O modo de produção do *Curso de Linguística Geral* foi, no mínimo, controverso³. Ele foi escrito a partir das anotações de sete alunos, sendo que quatro cursaram o primeiro e o

² Minha tradução

³ Culler fala disso (p. 10), use até mesmo a palavra 'falsificar' para o que os editores fizeram. Calvet também, ao dedicar o primeiro capítulo da primeira parte todo a isso. Mounin questiona a validade dessa publicação (p. 20). Gadet se detém mais na questão e dedica o capítulo 2, "Como o CLG foi feito", à questão. Benveniste celebra a publicação da edição crítica do CLG que, segundo este autor, nos deu uma imagem fiel destes ensinamentos feitos de forma oral e, também, permitiu fixar com rigor a terminologia saussuriana (p. 42)

segundo anos e três cursaram o terceiro – e último – ano do curso dado por Saussure na Universidade de Genebra. Saussure mesmo parece ter jogado fora as notas usadas para as aulas, tendo restado apenas algumas poucas. Como o curso – de linguística geral – foi dado em anos diferentes (1907, 1908/09 e 1910/11), cada versão sofreu modificações e supõem-se que essas modificações foram ajustes feitos por Saussure para se adequar ao que ele mesmo ia pensando sobre a linguística.

Os editores do CLG foram Charles Bally e Albert Séchehaye, linguistas genebrinos e alunos do curso dado. O trabalho que tiveram foi, sem dúvida, hercúleo e há quem diga que muito bem feito para tamanha tarefa, outros, que houve excesso de liberdades com o material. Talvez a crítica mais correta venha exatamente da união desta informação com a carta a Meillet (acima): a falta de rigor com a terminologia, tão cara a Saussure.

Outra grande crítica vem da famosa última frase do CLG, aquela que separa definitivamente a linguística de todo o resto, acentuando o exclusivismo, como diz Gadet (p. 24). A conclusão do CLG, famosa por ser o marco da separação da língua de todo e qualquer outro conhecimento para que possa a linguística existir, foi totalmente criada pelos editores.

Outra questão controversa é a da ordem do CLG. O curso dado e o livro são dispostos de maneira diferente e isto, obviamente, tem consequências sérias, principalmente da perspectiva da fundação da ciência. Ler a separação *língua e fala* logo no início do CLG pode dar a impressão errônea de que Saussure pensou isto e desenvolveu todo o resto da linguística a partir daí. Porém, esta distinção é apenas um resultado lógico do seu pensamento. Não é esta distinção que funda a linguística.

LEITURA

Roland Barthes nos diz, em *Da Leitura*⁴, que ele não tem uma teoria de leitura. Mais do que isto, ele se questiona se é possível ter tal teoria.

"Estou, com relação à leitura, num grande desamparo doutrinal: doutrina sobre leitura, não tenho; ao passo que, em contraposição, uma doutrina da escritura se esboça pouco a pouco. Esse desamparo vai às vezes até a dúvida: nem mesmo sei se é preciso ter uma doutrina da leitura; não sei se a leitura não é, constitutivamente, um campo plural de práticas dispersas, de efeitos irreduzíveis, e se, conseqüentemente, a leitura da leitura, a Metaleitura, não é nada mais do que um estilhaçar-se de ideias, de temores, de desejos, de gozos, de opressões, de que convenha falar à medida que surjam, à imagem do plural de grupos de trabalho (...)" (p. 30/31)

Para escrever sobre leitura é preciso, antes de qualquer coisa, definir o que é leitura. Ler pode ser aplicado a vários contextos: leitura de imagens, leitura de situações, leitura de textos escritos, leitura de teorias. A leitura acaba parecendo ser sinônimo de interpretação. Mas leitura também é aquilo que se faz com um romance, um livro de ficção, que não necessariamente se submete à interpretação – é mais um deleite. Mas como optar por uma leitura apenas? Como se ater a um apenas desses atos se eles estão tão entrelaçados?

Neste nosso mundo diverso e plural, poucas coisas parecem ser unanimidade – e há que se duvidar de unanimidades. No entanto, uma coisa foge deste padrão pós-moderno, ou contemporâneo, de desacordo: a leitura. Ler está tão presente em todos os campos do conhecimento e é também tão útil no nosso cotidiano, mesmo em momentos de lazer, que é muito difícil achar alguém que discorde: ler é de suprema importância.

Ler é olhar uma coisa qualquer, por exemplo, uma fotografia, e inventar uma história para aquilo que se vê. Ler é olhar esta mesma fotografia e se deixar emocionar, lembrar, sentir. Ler é ouvir Beethoven como quem cheira o melhor dos perfumes. E mais uma vez se deixar emocionar.

⁴ em *O Rumor da Língua*

Ler é também ler. Passar os olhos por palavras tentando decifrar o que o professor de física está perguntando, saber qual das tantas fórmulas se deve usar neste problema⁵. Ler também é escrever! Escrevendo sobre ler, lembrei do meu professor de física e de como eu entendia o que ele estava perguntando.

Voltando ao principal, sobre a importância de ler e como todos concordam com isso: não consigo pensar em alguma área do conhecimento humano, seja ele prático ou teórico, que não tenha publicado livros ou apostilas. Qualquer coisa que alguém precise ou queira aprender está aí, disponível à leitura. E não se resume a isto. A leitura também é a porta de entrada das informações do nosso mundo tão globalizado.

Há, portanto, várias teorias sobre leitura. Aqui mesmo, no nosso curso de Letras, temos uma disciplina chamada Teoria e Prática de Leitura, que foca principalmente neste comportamento humano. Contudo, talvez, comportamento não seja a palavra exata para definir isto que é, acima de tudo, a maneira que nossas civilizações mais usam para adquirir conhecimento. Claro que temos aulas, que são a transmissão oral do conhecimento, assim como nos dias de hoje temos vídeos e a internet, que também entram neste modo oral de transmissão, mas a leitura de textos escritos parece ter culturalmente maior valor. Aliás, se diz que o maior problema é exatamente que as pessoas não sabem ler, o que significa que não entendem o que leem. Por isso, estudamos a leitura, nós, das Letras.

Nesta mesma disciplina sobre leitura, entramos em contato com várias teorias sobre leitura, sobre como lemos os textos que nos chegam às mãos.

Falando brevemente sobre estas teorias, começo com Maria Helena Martins em seu livro *Leitura*. Para ela, tudo é texto, o mundo é um texto. O leitor dá sentido ao texto, vivendo sua leitura, que é sensorial, emocional e racional.

Para Paulo Freire, em *A Importância do Ato de Ler*, o texto escrito e o mundo se relacionam, mas leitura do mundo precede a leitura do texto. O texto e o mundo estão em relação. Para Freire, o leitor lê o mundo, lê os textos e faz conexões.

Segundo Mary Kato, pesquisadora e professora universitária, o mundo é o universo sócio-cultural, e o autor tem intenção ao escrever um texto, pressupondo conhecimento por parte do

⁵ Isto me lembra o meu professor de física dizendo que o problema não era a física, era o português que estava muito ruim e os alunos não entendiam o que ele perguntava.

leitor, interagindo com ele. Kato faz um estudo mais técnico de como a leitura ocorre. Ela explica a leitura bottom-up, aquela que vai do texto para o mundo, ou seja, que é mais focada no material textual em si; e da top-down, que faz uso do mundo, conhecimentos prévios, para a compreensão do texto. Para esta autora, o leitor maduro é o que consegue usar estas duas instâncias de leitura para a interpretação do texto. O leitor é, então, um analisador-construtor cooperativo que reconstrói o texto para lhe dar significação.

Vincent Jouve, professor universitário francês, vê o texto como um programa de leitura e, portanto, o autor como alguém com um projeto. Segundo Jouve, o leitor passa por vários processos (processos neurofisiológico, cognitivo, afetivo, argumentativo, simbólico e chega à correção na leitura), exatamente por ele ser um leitor real, que tem um contexto cultural, submetido a valores de sua época.

Por fim, lemos Joel Birman, com sua leitura psicanalítica da leitura, interessante e pertinente. Para ele, a leitura é uma forma de aprimoramento da sensibilidade, feita por um sujeito social, histórico e político. E o autor, fonte de revelação, é provocante, desconcertante. O leitor, não menos indivíduo de subjetividade e desejo, sofre de razão e emoção na sua experiência de leitura. É este sujeito dividido que lê uma descoberta, um mundo, trazendo seu próprio mundo para a leitura, uma ética.

Esse passeio por teorias, cujo intuito foi apenas o de mostrar que não há, realmente, acordo e que, assim como a *língua*, a leitura se presta a ser tomada por vários pontos de vista, teve como intuito apenas introduzir este assunto tão complexo e fascinante.

LENDO A LEITURA

Assunto muito discutido, muito se escreveu sobre a leitura. Aqui, porém, vou tratar de dois autores que escreveram sobre a leitura. Marcel Proust e Roland Barthes publicaram algo de muito interessante sobre o assunto. Vamos a eles.

Proust foi um dos grandes autores de todos os tempos. Francês, sua vasta obra é referência literária obrigatória para quem se interessa pela literatura. Além desse legado, ele

deixou também uma pequena introdução escrita para um livro que ele traduziu, o *Sésame et les Lys*, de John Ruskin. Essa introdução foi posteriormente publicada como livro, *Sobre a Leitura*. Nela, Proust nos oferece uma ode à leitura, um depoimento sobre o prazer de ler na infância, que remete, mais especificamente, à vida a sua volta, a como a leitura, na verdade, serve para prestar atenção e reter na memória a própria infância. Depois desta introdução romântica, Proust parte para uma análise da leitura feita a partir de uma perspectiva mais sensata. Porém, não menos brilhante.

Ele começa comparando a leitura a uma conversa. Para Proust, falar com homens geniais na vida real se resume a momentos – e momentos dependem ou de sorte ou de longa espera. No entanto, "*há uma sociedade que nos é sempre aberta, pessoas que nos falariam o quanto quiséssemos, seja qual for a nossa posição.*" (p. 29). Ou seja, essas ideias, as ideias desses homens, essa 'sociedade', estariam sempre disponíveis para quem as quisesse ler. Ainda mais importante que esta disponibilidade, há o fato de que

"a leitura não poderia ser assimilada a uma conversação, mesmo com o mais sábio dos homens: que a diferença essencial entre um livro e um amigo, não é a sua maior ou menor sabedoria, mas a maneira pela qual a gente se comunica com eles, a leitura, ao contrário da conversação, consistindo para cada um de nós receber a comunicação de um outro pensamento, mas permanecendo sozinho, isto é, continuando a desfrutar do poder intelectual que se tem na solidão e que a conversação dissipa imediatamente, continuando a poder ser inspirado, a permanecer em pleno trabalho fecundo do espírito sobre si mesmo." (p. 30)

A leitura é um trabalho solitário, feito nessa plena potência da solidão, consigo mesmo. Na conversa, é preciso participar de jogos sociais, ouvir o outro e responder àquele pensamento do outro que se intromete no nosso próprio, que traz suas próprias considerações. A conversa, sem dúvida, une as pessoas e parece ser a forma mais natural, primeira, do uso da linguagem. Mas é no silêncio e na solidão da leitura que muitos trabalhos intelectuais acontecem. De forma diversa, ambos esclarecem ideias e pensamentos. Mas só a leitura nos dá acesso a esses outros homens, a esses outros mundos, que estariam tão distantes, inatingíveis, se dependêssemos exclusivamente da presença, da conversa.

Contudo, a parte mais inspiradora do pequeno livro é a que ele fala do papel dos livros frente a nossos desejos. "*Sentimos muito bem que nossa sabedoria começa onde a do autor*

termina, e gostaríamos que ele nos desse respostas quando tudo o que ele pode fazer é dar-nos desejos." (p. 33). E são estes desejos que, indubitavelmente, nos permitem pensar, aprender, querer mais e ir mais fundo. *"... o que é o fim de sua sabedoria não nos aparece senão como começo da nossa, de sorte que é no momento em que eles nos disseram tudo que podiam nos dizer que fazem nascer em nós o sentimento de que ainda nada nos disseram."* (p. 34). E é esta insuficiência da leitura, esta falta, que nos introduz na 'vida espiritual', como chama Proust, sem, no entanto, a constituir.

Não sei se há completude. Parece que a falta é a regra. Sempre há espaço para mais, sempre dá para saber mais. O que nos dá o livro, muitas vezes, é a noção de que falta, de que é possível ter mais. Sempre se pode ler mais, saber mais. Ao nos depararmos com o que os livros nos dão, vemos que há mais. Esse querer mais é profícuo, é o que nos move, nos faz ir em frente. Entretanto, para isto, é preciso caminhar nas leituras, deixar esta falta se manifestar, se deixar atravessar pelo desejo de querer mais.

Proust frisa, todavia, que nada substitui a '*nossa atividade pessoal*'. Ou seja, a passividade que a leitura pode sugerir não teria lugar aqui. Segundo este autor, há perigo em deixar que a leitura substitua a '*vida pessoal do espírito*'. Afinal, o livro não deixa de ser apenas '*uma coisa material*' (p. 40) e seria preciso cuidar para não cair no '*respeito fetichista pelos livros*' (p. 43).

Parece ser bem claro para Proust que na leitura há realmente interação entre pessoas. Tanto é assim que ele fala da amizade: *"Sem dúvida, a amizade, a amizade que diz respeito aos indivíduos, é uma coisa frívola, e a leitura é uma amizade. Mas ao menos é uma amizade sincera, e o fato de dirigir-se a um morto, a um ausente, lhe dá qualquer coisa de desinteressada, quase tocante."* (p. 47). Ele, comparando as duas formas de amizade, mostra a superioridade da leitura por ser esta mais honesta, sem as necessidades que o contato social nos impõe.

Vendo a noção de amizade e conversa já trazida anteriormente, conclui-se que são dois os tipos de amizades, os tipos de conversas. A conversa ao vivo, com um amigo – conversa interessada, atravessada por necessidades sociais, por questões de interesses – oposta àquela conversa lida, com '*um morto*' ou '*ausente*', que acaba sendo mais honesta, pois nos permite falar/pensar – expressar – qualquer coisa que nos ocorra.

Proust finaliza sua exposição sobre a leitura chamando a nossa atenção para o fato de que os escritores preferem – eles mesmos leem – autores antigos. Segundo ele, isto se deve ao fato de que *"ama-se sempre sair um pouco de si, viajar, quando se lê."* (p. 53). Somente no antigo está aquilo que não existe mais, aquilo que só pode existir numa dada época, o pitoresco que se visita quando se quer viajar.

Barthes escreveu bastante sobre leitura e parece ter se sentido, por toda a vida, em dívida por não ter escrito uma teoria da leitura. Ele diz em *"Da Leitura"* que *"a leitura ainda não encontrou o seu Propp ou o seu Saussure; essa pertinência desejada, imagem de um alívio de cientista, nós não a descobrimos"* (p. 32). No entanto, ele faz, sim, uma teoria da leitura. Talvez não de extensão desejada, mas uma teoria assim mesmo.

Conforme trecho citado no início do capítulo, ele começa este texto reclamando que está *"em grande desamparo doutrinal: doutrina sobre a leitura, não tenho; (...) : nem mesmo sei se é preciso ter doutrina da leitura"* (p. 30-31). Por sua natureza *"plural de prática dispersas, de efeitos irredutíveis"* (p. 31), Barthes duvida que seja possível algum tipo de unidade nesse campo. Contudo, ele tenta. Começa falando da pertinência, que foi o que deu à linguística, segundo este autor, a possibilidade de se desenvolver.

Para Barthes, a pertinência é exatamente o ponto de vista que se escolhe para olhar o objeto (p. 31). Isto foi feito por Saussure ao, segundo Barthes, optar pelo viés do sentido. Também Troubetzkoi e Jakobson, olhando o sentido nos sons, puderam desenvolver a fonologia. E Propp, olhando as formas, pode fundar a análise estrutural da narrativa. Para a leitura, entretanto, não se pode ainda escolher o que seria, ou qual seria, o olhar ideal. Sem esta pertinência, não se pode interrogar a leitura nem de maneira adequada, nem sequer questioná-la.

A partir daí, Barthes nos dá duas razões porque é tão difícil questionar a leitura (p. 32-33):

1. O verbo *ler* tem múltiplos usos pois lemos múltiplos objetos;
2. Não se pode falar de nível de leitura por não sabermos quão profundamente se pode ir nesta ação.

Aceitando, então, esta impossibilidade "*por falta de gênio*" ou pela própria natureza da leitura, Barthes propõe que é o 'Desejo' que atrapalha esta tarefa. Isso acontece porque "*O Desejo não pode nomear-se, nem mesmo (ao contrário da Demanda) dizer-se.*" (p. 36). A questão aqui é de que o Desejo não se permite conhecer, ele não está disponível para a consciência sabê-lo. Sobra, então, apenas o reconhecimento desse Desejo, desse erotismo que acompanha a leitura. Barthes nos dá como exemplo Proust, em *La Recherche du Temps Perdu*, quando o narrador fala que ia se isolar para poder ficar na solidão, que era do que ele precisava para "*a leitura, o devaneio, as lágrimas e a volúpia*" (p. 37).

Há, para Barthes, dois traços fundadores da leitura desejanste: um estado de isolamento, quando o mundo inteiro desaparece do nosso escopo de desejo; e a participação das emoções, sensações, do corpo inteiro, pois "*a leitura produz um corpo transtornado, mas não despedaçado*" (p. 38).

Daí, Barthes nos fala do três tipos de 'prazer de ler': o prazer das palavras, do modo que elas são arranjadas no texto; o prazer da narrativa, do saber o que vai acontecer, de acompanhar a história; e, finalmente, o prazer da leitura como "*condutora do Desejo de escrever*" (p. 40), sendo ela, então, um trabalho, uma promessa, desejo de produção.

Do 'Desejo' não se pode falar sem também tratar do 'Sujeito', que é o próximo tema de Barthes. Para ele, o sujeito que lê é o sujeito desejado pelo escritor. Como tal, ele faz parte da narrativa, ele é uma personagem do livro.

"(...) o leitor é o sujeito inteiro, que o campo da leitura é o da subjetividade absoluta (...): toda leitura procede de um sujeito e desse sujeito se separa apenas por mediações raras e tênues, o aprendizado das letras, alguns protocolos retóricos, para além dos quais é o sujeito que depressa se encontra na sua estrutura própria, individual: ou desejanste, ou perversa, ou paranoica, ou imaginária, ou neurótica – e, bem entendido, também na sua estrutura histórica: alienado pela ideologia, por rotinas de códigos." (p. 41-42)

Termina, então, concluindo que uma ciência da leitura teria que ser a ciência do "*Inesgotamento, do Deslocamento infinito*" (p. 42), fechando com a bela imagem de que "*a leitura seria o lugar onde a estrutura se descontrola.*" (p.42).

A leitura fomenta mais leituras, como numa sequência sem fim, e essas leituras são deslocadas por outras leituras de modo que o sentido não ocupa um lugar estável, permanente, mas, antes, se transforma a cada novo passo. Não há controle, não há fim, não há permanência. Essa ciência, então, ainda está para ser escrita posto que depende de conceitos ainda não definidos. Barthes falou de pluralidade e ele se refere ao que vem do que aquele que lê põe na leitura, no texto, que o leitor relativiza de acordo com a sua própria subjetividade.

De tudo isto, fica que essas leituras feitas do *Curso*, em diferentes momentos históricos, por diferentes autores, frutos de seus próprios desejos, de sua própria posição ética e política, nos mostra quão diversa a leitura pode ser e o quanto o *Curso* é fonte de teorias, interpretações. É original exatamente por dar origem a outras teorias, outros livros, outras leituras – que resultaram em outros escritos. É esse *Curso* diverso que me interessa, que me convoca a escrever, a estudar, a pensar a linguagem. O que colho, então, dessas leituras sobre o CLG, o que me possibilitou avaliar tais leituras, foi esta perspectiva da conversa com esses ausentes – mortos – que vieram antes de mim e que fizeram, cada um a seu modo, uma leitura possível, a partir de seus próprios pontos de vista, assim como eu, convocados por seus próprios desejos – e eu pelos meus – que faço de uma posição privilegiada de solidão e entrega, mas não de submissão. A minha leitura não é a única possível – longe disso! – nem é certa, visto que esse julgamento de exatidão, se pensarmos com Barthes, não caberia sendo ela (a leitura e seus significados) tão volúvel.

Louis-Jean Calvet – Uma leitura engajada.

Calvet vive numa época pós 68, em Paris. Para ele – e provavelmente para toda aquela geração – não seria possível pensar o que quer que fosse – talvez menos ainda a linguagem, tão humana – sem se posicionar socialmente.

Sua leitura é engajada exatamente porque critica especificamente a separação da língua da fala já que isto representa a exclusão do social. Sendo, como diz Calvet, a fala o que acontece entre pelo menos duas pessoas (social), a retirada de tudo o que é exterior à língua, o que retira, também, o que é social, muda a perspectiva, empobrecendo e desconfigurando a língua e seu estudo.

Louis-Jean Calvet, em seu livro de 1975, *Saussure: pró e contra para uma linguística social*, ainda na introdução, nos diz que se posicionará "*contra Saussure do Curso, base de uma linguística estrutural estereotipada e incapaz de explicar fatos de língua na sua diversidade, mas a favor do Saussure ligado aos fatos linguísticos concretos, do Saussure da fala e não da língua.*" (p.13)

Após falar sobre o modo de produção do CLG, Calvet afirma que a ordem do curso dado por Saussure, baseado no material disponível para os editores, da forma apresentada no CLG, foi alterada para que a ideia de que a língua é a norma da linguagem fosse encampada e a marca saussuriana fosse impressa. Assim, poder-se-ia fundar e dar liberdade à linguística .

Ao constatar esse desejo pela autonomia da linguística, sua necessidade de ser ciência autônoma, Calvet evidencia uma contradição no CLG,

"Coloca-se logo de início do terreno da língua, começar pela língua, há aí a vontade evidente de fundar a autonomia linguística, de traçar os limites do seu campo de intervenção e de separá-lo do de outras ciências. (...). Ora, há aí uma espécie de contradição entre essa passagem [no CLG, que separa explicitamente a linguística das

outras ciências que poderiam reivindicar a linguagem como objeto] e aquela em que Saussure define a ciência semiológica, que ele postula como devendo englobar a ciência da língua. [mais uma passagem do CLG, a que faz referência à vida social] Assim, a linguística faria parte da semiologia, que, por sua vez, pertenceria à psicologia: desde então, por que a recusa expressa oito páginas acima?" (p.22)

Na primeira passagem, vemos que as outras ciências se separam nitidamente da linguística se o método for correto. Na segunda, vê-se a ideia do estudo dos signos no seio da sociedade, formando par com a psicologia social. A conclusão a que Calvet chega é de que a linguística seria parte da semiologia, que, por sua vez, seria parte da psicologia. Não haveria, pois, uma separação nítida entre as ciências, como quer o CLG. Mais especificamente, a separação de linguística e semiologia, será tratada logo abaixo, na parte sobre as alterações feitas pelos editores.

Eles tinham em suas mãos uma fonte heterogênea do pensamento de Saussure: as anotações de seus alunos e manuscritos. Sobre esta fonte, o autor diz ser evidente que, baseado em anotações de sete alunos e de poucos manuscritos, os editores encarariam sérios problemas. Piorando esta diversidade de fontes, há o fato de que os alunos em questão estudaram nos três diferentes cursos dados por Saussure, que foi dado pelo mestre de modo diverso a cada edição.

Quanto ao que os editores alteraram para o CLG, que não estava nem nos cadernos dos alunos, nem nos manuscritos do próprio Saussure, Calvet critica mais gravemente a questão da terminologia. Essa parecia ser a questão mais cara a Saussure, já citada na carta a Meillet. Saussure expressamente pediu aos alunos que substituíssem o título do assunto, de *natureza do signo linguístico* para *a língua como sistema de signos*. E, mais, que trocassem *imagem acústica e conceito* por *significante e significado*. Não só os editores mantiveram o título anterior como, também, misturaram os conceitos desses pares.

O resultado da conclusão, criada pelos editores do CLG, é, segundo Calvet, que aquilo que Saussure realmente considerava o objeto da linguística, que eram *as línguas* e a *língua*, nesta ordem, foi totalmente mudado. Acima disto, porém, a consequência mais profunda foi a negação de tudo o que vem de fora da língua mas que a influencia. E esta se tornou mais importante pelo tamanho do seu alcance histórico: deu origem a todo o estruturalismo, que guiou as ciências sociais por décadas.

No quesito *língua e fala*, Calvet aponta que a *fala*, que é a manifestação da *língua*, se dá na maior parte das vezes, entre duas ou mais pessoas, num diálogo.

"Pois o ato linguístico, a produção de fala, a performância, pouco importa o termo escolhido, é, repitamo-lo, um ato social, socialmente determinado. (...) Mas quais são os seus [das linguísticas] exemplos privilegiados? Poderíamos amplamente defini-los como essencialmente extraídos de monólogos. O corpus linguísticos é na maioria das vezes um monólogo, ao passo que o ato linguístico na maioria das vezes se inscreve num diálogo." (p.61)

Ora, a *fala* se utiliza da *língua*, jogando com ela, transformando a *língua* de acordo com a situação e a vontade no momento de sua produção. O autor mostra que a análise feita naquela época da língua era limitada e empobrecedora, pois se atinha a apenas alguns dados de todo um universo de fatores que confluíam para a produção da fala.

Em sua analogia, a fala é o uso e a língua o instrumento. E ele diz: "*Há (...) má fé em querer separá-los*" (p. 70) posto que o instrumento só existe nos seus usos, que o formam e transformam. Fica claro, então, que sua crítica é sobre a questão social. Calvet conclui que é a fala que deveria interessar o linguista e que nesta incidem múltiplos fatores. Termina, assim, se opondo ao CLG no que concerne à formação da linguística como uma ciência autônoma. Ele propõe:

1. "Cumprе não confundir *código* e *comunicação* como tem a tendência de fazê-lo a linguística estrutural desde Saussure. O código é, com efeito, um instrumento necessário à comunicação, mas sua descrição não basta de maneira nenhuma para descrever o fato linguístico concreto.
2. Decorre do ponto precedente que, na dicotomia saussuriana, *língua/fala*, é a fala que deve no fim das contas interessar o linguista: ela está do lado da comunicação real ao passo que a língua está do lado do código.
3. A comunicação é um fato complexo, em que intervêm múltiplas determinações: o código, as características psicanalíticas dos locutores (as pulsões, que podem ser individuais e sociais), as relações sociais, as relações de classes.
4. A linguística, ou pelo menos a abordagem linguística deve, pois, ter em conta esses diferentes fatores. (...) Essa abordagem pluridisciplinar nos daria ocasião de constituir um verdadeiro estudo social dos fatos linguísticos, que analisaria a produção linguística no seu contexto global.
5. Enfim, é evidente que a linguística não poderia ser uma ciência autônoma: é claramente nesse ponto fundamental que a lição do *Curso de Linguística Geral* deve ser rejeitada." (p. 101, grifos do autor)

Fica claro o desejo de Calvet de fazer um estudo da linguagem humana que não retire algo tão influente quanto a face social dela, seu uso, que se faz no meio social. Para isto, ele propõe essa disciplina múltipla, levando em consideração fatores individuais, sociais e culturais (psicanalíticos, sociológicos e semiológicos, respectivamente). Calvet, como sujeito e resultado de seu próprio desejo, buscou adaptar o CLG aos seus ideais de vida e teóricos.

Vemos, a seguir, que esta não é a única maneira de interpretar o CLG, sendo possível, também, vê-lo como um estudo útil da língua, como assunto a ser estudado e respeitado.

Jonathan Culler – Em busca de leitores para o *Curso*

Jonathan Culler escreveu este livro para a coleção Fontana Modern Masters. Professor da Universidade de Oxford, na Inglaterra, ele deixa claro na introdução que sua intenção é a de mostrar que Saussure foi mal interpretado e que ele merece lugar de destaque na sua atualidade (o livro é de 1976). Por isto, sua leitura parece ser de grande admiração por Saussure, mas com grandes ressalvas aos editores. Após situá-lo historicamente, Culler trata dos conceitos de Saussure e conclui falando do legado deixado por ele, mais especificamente, a semiologia.

Culler escreveu *As Ideias de Saussure* em 1976. Logo na introdução, Culler faz uma interessante discussão sobre Saussure, Freud e Durkheim, seus legados e seu tempo.

"Antes de tudo, juntamente com seus dois grandes contemporâneos, Émile Durkheim na Sociologia e Sigmund Freud na Psicologia, [Saussure]ajudou a dar nova base ao

estudo do comportamento humano. Esses três homens compreenderam que não seria possível chegar a uma compreensão adequada do homem e de suas instituições se o comportamento humano fosse tratado como uma série de eventos similares aos eventos do mundo físico." (p. 1)

Este autor também foca na insatisfação de Saussure com a nomenclatura vigente na época, citando a carta a Meillet (p. 9). A questão da ordem dos cursos de Saussure e a ordem no CLG também é introduzida aqui:

"(...) a disponibilidade das anotações dos discípulos faz com que se deseje chamar a atenção para os pontos em que os editores pareçam ter tomado liberdades, interpretando mal ou falsificado o pensamento de Saussure. Em geral, eles realizaram um trabalho admirável, mas há forte razão para dizer que em três aspectos tiveram menos êxito do que seria de desejar: sua ordem de apresentação não é provavelmente a que Saussure teria escolhido e, assim, ela não reflete a sequência lógica potencial de seu argumento; (...)" (p. 10)

Culler mostra que Saussure dá muito mais importância ao fato de que a linguagem não é nomenclatura do que o CLG transparece. A arbitrariedade da língua não se limita ao significante, estendendo-se, também, ao significado (sua maneira de organizar o mundo, conceitos, categorias). *"Uma língua não atribui simplesmente nomes arbitrários a um conjunto de conceitos de existência independente. Ela erige, por um lado, uma relação arbitrária entre significantes de sua própria escolha e, por outro, significados também de sua própria escolha."* (p. 18). Logo, como o próprio Culler diz, cada língua tem uma maneira 'arbitrária' de organizar o mundo. Ela dá, então, exemplo dos conceitos de *rio* e *regato* (p. 18 e 19) em inglês e francês e do verbo *aimer* (p. 16), em francês, que ele não aprofunda a análise para, imagino, não entrar em psicologismos. O autor se mantém na questão da tradução/valor e em palavras sem tradução para exemplificar a questão da arbitrariedade do signo e conceitos (p. 16).

Culler enfatiza que, para Saussure, a questão do sistema provém da falta de termos positivos na língua. Ou seja, é dentro do sistema, na sua relação com as outras peças, que os valores são definidos.

"A identidade é totalmente uma função das diferenças dentro de um sistema [do jogo de xadrez]. Se agora aplicarmos a analogia à linguagem estaremos em condições de entender a alegação paradoxal de Saussure de que no sistema de uma língua "há apenas diferenças, sem termos positivos" (Curso, 139; Cours, 166). Normalmente, quando pensamos em diferenças, pressupomos duas coisas que diferem, mas o ponto de Saussure é o de que o significante e o significado não são coisas nesse sentido." (p. 22).

Ao chegar no que ele chama de ponto crucial, que é a oposição entre *langue* e *parole*⁶, ele explica porque estes conceitos podem parecer confusos: "é porque contêm um problema" (p. 24), mas ele somente tocará no assunto num capítulo mais adiante. Aqui, ele apenas se atém a examinar essa questão da diferenciação das peças, da questão da fonética e da fonologia, dando exemplos do inglês, como o fato de que em inglês, a letra 'l' tem duas produções que não criam distinção e as vogais /i/ e /i:/, como em *fill* e *feel*, que produzem signos distintos. Ainda sobre isto, fala da diferença entre outros signos, mas no que tange o valor, além da questão de pronúncia numa língua. A crítica sobre a ordem aparece aqui, pois, segundo Culler, os editores começaram com esta distinção fundadora quando, na verdade, ela é uma conclusão lógica do seu argumento sobre a natureza arbitrário do signo, e não uma questão arbitrária ela mesma, ou "de fé".

"Os editores de Saussure organizaram o Cours de modo ele começasse com a distinção entre *langue* e *parole*. (...) A distinção tem, assim, parecido extremamente arbitrária a muitas pessoas: um postulado que tinha de ser aceito como artigo de fé, se se quisesse prosseguir. Mas, na verdade, como sugerem as notas de Saussure e como a sequência do argumento aqui adotada por nós deve tê-lo demonstrado, a distinção entre *langue* e *parole* é uma consequência lógica e necessária da natureza arbitrária do signo e do problema da identidade em Linguística" (p. 27)

Mais especificamente sobre *langue*, Culler repete a explicação de Calvet – retirada do CLG – de que em linguística nada é dado, que as peças vêm da relação dentro do sistema. Indo além, ele explica que essa diferença não se limita às palavras, mas vai até aos fatos gramaticais. "*Naturalmente, a língua consiste também de muitas relações e distinções gramaticais, mas Saussure insiste (...) em que não há nenhuma diferença entre uma unidade*

⁶ Este autor, ou melhor, nesta tradução, se manteve o original francês.

linguística e um fato gramatical." (p. 38) E, citando Saussure, grifa que *"a língua é forma e não uma substância"* (p.38).

Culler reforça a ideia de que Saussure deu muita importância ao uso social da língua. *"O que é importante – na verdade, tudo o que é relevante – são as distinções e relações que foram dotadas de significado por uma sociedade."* (p. 42)

Vê-se que a crítica se dirige ao que foi feito do que Saussure deixou como aula e anotações. Sua escrita parece didática no que concerne a clarificação do que Saussure conceituou sem, contudo, deixar de expor, ele mesmo, sua leitura e seu desejo de, assim como Calvet, ver mais do social na linguística de Saussure. Culler busca colocar Saussure numa posição de destaque nos estudos da linguagem, mesmo que o CLG precise ser, na sua opinião, revisto devido às mudanças feitas na sua produção.

Também com destaque ao CLG, veremos em seguida uma leitura que, ao contrário das outras, celebra o CLG como fundador de uma forma de pensar as ciências sociais.

Georges Mounin - Estruturalista

A leitura feita por Mounin é uma ode a Saussure como fundador do estruturalismo. O estruturalismo foi, durante muito tempo, o modelo das ciências sociais. E, como se pode ver pelos primórdios desta teoria, ela é oficialmente atribuída a Saussure. Segundo Pirard Regnier,

"É preciso compreender [por estruturalismo] o movimento que nasce nos anos sessenta, quando Lévi-Strauss pretendeu achar no desenvolvimento da linguística saussuriana,

mais particularmente em Jakobson, um modelo extrapolável a todo o campo das ciências humanas. Ao mesmo tempo, o estruturalismo nasceu, não apenas como método, mas como 'ideologia' rival daqueles que se ocupavam da área: existencialismo, marxismo e psicanálise 'ortodoxa'."

O livro de Mounin, publicado em plena década de 60, resgata em Saussure este estruturalismo 'sem o saber', como ele explicita no título.

Este pequeno livro⁷ é parte de uma série, *Philosophes de tous les temps*, e Georges Mounin escreveu sobre o filósofo Saussure. A primeira parte do texto é o que Mounin escreve sobre Saussure e a segunda são textos de Saussure, também escolhidos por Mounin, para ou apresentar Saussure ao leigo ou servir de resumo dos conhecimentos indispensáveis, para estudantes e professores (é o que diz a contra capa do livro, sobre a série).

Mounin coloca Saussure como um homem de seu tempo, ou como um homem que também vive em seu tempo. A prova disso, segundo este autor, é ver a língua como uma instituição social. Porém, para Saussure, a diferença reside no fato de aquela ser arbitrária enquanto essas são, em diferentes níveis, fundadas nas relações naturais das coisas. "*Por esta preocupação de diferenciação, o sociologismo de Saussure se distancia do de seus contemporâneos, sobretudo dos linguistas.*" (p. 24). E, assim como as outras regras sociais, a língua se impõe pelo uso coletivo.

Outro fato que coloca Saussure em seu tempo é que ele é mentalista, ou seja, se ocupa do que se passa no homem quando este pensa: a prova é a ligação de um conceito a uma imagem acústica.

"Em que consiste o psicologismo em Saussure? Primeiramente, na tranqüilidade com a qual, como todos os seus contemporâneos ou quase, Saussure é 'mentalista' (de acordo com o termo de Bloomfield), o que quer dizer que garantido pela filosofia e a

⁷ Cujos nomes são *Ferdinand de Saussure*. Toda tradução é minha.

introspecção de saber o que se passa no cérebro quando o homem pensa. Ele explica, então, os fatos da linguagem pelos fatos do pensamento." (p. 25)

Ou seja, a *língua* não liga uma coisa a uma palavra, mas sim um conceito do homem a uma forma sonora. Daí a afirmação no CLG de que, no fundo, "*tudo é psicológico na língua*" (p. 14 do CLG). Outra prova disto é o lado individual da *língua*, o lado da execução, da *fala* (que, mesmo sem poder ser concebida sem o lado social, acentua o papel do indivíduo). De acordo com Mounin, vem daí a oposição dos *fatos da fala* e dos *fatos da língua*, que ele chama de '*a primeira de suas teses próprias*' (p. 25)

Segundo Mounin, um aspecto bastante presente em Saussure e bastante ignorado alhures, inclusive na própria redação do CLG, é a matemática. Mounin aponta que apenas duas vezes a matemática é citada no CLG, mas que no Sources, há bastantes delas. São várias as metáforas/analogias: sistema geométrico; as expressões para a linguística serão algébricas; as fórmulas matemáticas exprimem as relações e as quantidades na linguagem; uma álgebra de termos complexos (p. 27). No próprio *Memória*, de 1878, Saussure já demonstra algebricamente a existência de um fonema indo-europeu até então desconhecido. Aliás, esta tese foi muito mais celebrada pelo método e rigor do que pelo resultado em si. Isso mostra, segundo Mounin, o raciocínio matemático de Saussure e a estranhamento, quiçá até negação, dos linguistas daquele tempo, a este tipo de raciocínio. Para comprovar tal argumento, Mounin usa Meillet, que em 1913 usa ao menos três vezes na mesma página, o argumento de que a linguística não é matemática (p. 28).

Quanto à *língua* e *fala*, Mounin cita Saussure para explicar que esta é a grande distinção, a que está na base de sua teoria (p. 34), a grande escolha. Ela se diferencia da linguagem no fato de que a *língua* é um produto social – e, assim, se enfatiza a influência de Durkheim em Saussure. O indivíduo não teria poder de mudá-la, nem de criá-la, sendo um agente passivo na aquisição da língua. Por isto, a *língua* apenas existe na coletividade (p. 35). A *fala*, por outro lado, é o lado individual da linguagem. Ao separar a *língua* da *fala*, separa-se o que é social do que é individual. Todas essas informações são achadas no CLG. É neste ponto que Saussure prioriza a *língua* como verdadeiro objeto de estudo da linguística, mesmo tendo guardado um lugar especial para a *fala* – o de ser a geradora de mudanças. Mounin lista, então, algumas das críticas sofridas por esta dicotomia, desde um autor, Marcel Cohen (p. 38), que dizia ser esta separação desnecessária e que ela só se deve à 'personalidade dicotômica' de

Saussure, até Milka Ivic (p. 39), que diz que o CLG insiste muito mais nesta separação/dicotomia do que próprio Saussure realmente acreditava necessária. No entanto, Mounin, ele mesmo, diz que nos *Sources* essa dicotomia é bem marcada por Saussure. Mounin cita, então, Martinet que diz que a *fala* é a concretização da *língua*. Para ele, só se chega à *língua* através da *fala*. Portanto, para este autor, é preciso, sim, estudar a *fala*, desconsiderando o que nela há de particular ao indivíduo (p. 39). Mounin conclui resumindo (p. 40) que, ao separar *língua* e *fala*, Saussure acentua a primazia da *língua* e funda a distinção entre *código* e *mensagem*. Ao mesmo tempo, falando sobre a *fala*, ele possibilita a criação da fonologia.

Voltando a Saussure (p. 74), Mounin mostra que a influência de Saussure é imensa. No início, logo após o lançamento do CLG, os vários linguistas da época comentaram o livro, mesmo que, em geral, como crítica, devido principalmente ao fato de o CLG ir contra as crenças do momento.

"E é este um primeiro assunto para meditação (...), de ver que um grande livro, bem lido, mas abordado primeiramente por onde ele erra, ou melhor, por onde se acredita que ele tenha errado, antes que por onde ele tenha acertado; de o ver sobretudo abordado não na sua totalidade, no seu sistema coerente de pensamento, mas naquilo que ele se opõe a tais e tais crenças do momento, em resumo, abordado mal e em fragmentos." (p.74-75)

Pouco a pouco, porém, o mundo linguístico foi ficando mais saussuriano, mesmo sem o ser (p. 75). Usando Benveniste como exemplo das mudanças de aceitação de Saussure e sua obra, Mounin nos conta que antes de 1939, Benveniste celebra o rigor saussuriano sem, no entanto, aceitar a arbitrariedade do signo. Apenas 15 anos depois, Benveniste põe Saussure em seu devido lugar. E somente em 1963 Benveniste escreve sobre Saussure com a apreciação plena e positiva de sua obra, admitindo que grande parte dos seus ensinamentos permaneceram inertes por muito tempo (p.78). Contudo, é Lévi-Strauss quem começa a lançar luz em Saussure ao relacionar ciências sociais e linguística. Ele usa o termo "ciência-piloto" para falar de como a linguística, mais precisamente a fonologia de Saussure, serve de modelo estrutural para o estudo da antropologia (p. 79). A este, se segue Merleau-Ponty e Barthes. O último foi, segundo Mounin, o verdadeiro 'agente de publicidade' das ideias de Saussure. Todavia, é Benveniste quem, em 1963, consegue enxergar a grandeza da obra de Saussure.

Por fim, segundo Mounin, os filósofos continuam ignorantes da linguística (p. 82), não aproveitando o que esta ciência teria para adicionar à filosofia da linguagem. Contudo, Mounin critica o uso de termos saussurianos de forma distorcida e com grande liberdade metafórica (p. 81).

"Se especialistas, e mesmo estudantes, de ciências humanas ou sociais decidem, com conhecimento de causa, fazer linguística, é importante lhes dizer, sem pretensão e sem corporativismo, que o façam com os linguistas e na linguística. E se eles decidirem que é preciso voltar até Saussure, que eles saibam que o que se deve buscar não são citações e palavras chaves, mas uma doutrina muito coerente, já suficientemente distante no tempo para ainda suportar ser lida em resumos e sem preparo crítico." (p. 83)

Mounin, como vimos, celebra exatamente a distinção *língua/fala* como a grande responsável pelo que é a linguística. Mesmo tecendo certas críticas ao CLG, ele vê em Saussure um grande fundador da maneira de pensar a que ele adere e, como tal, ele enquadra Saussure no estruturalismo – mesmo que o próprio Saussure jamais tenha usado a palavra 'estrutura' de maneira doutrinal, como nos conta Benveniste (p. 42).

Mounin se filia a esta teoria estruturalista e, justamente por isso, tem sua leitura propensa a se sujeitar ao desejo de vê-la validada. Sua leitura objetiva encontrar elementos que confirmem seu ponto de vista, que autentique a sua leitura do mundo.

Há, por outro lado, autores que se interessam pela base teórica mais fundamental por trás do mestre e do seu legado.

Françoise Gadet – Uma leitura em busca de unidade

Françoise Gadet escreveu este livro para uma série chamada *Philosophies*. Logo, sua leitura tem o viés de ver Saussure e o CLG como uma base filosófica da língua/linguagem, que ela justifica com as ideias filosóficas de relações entre pensamento e linguagem, linguagem e realidade e a questão do sentido (no Avant-propos, p. 4). Para tanto, sua análise será focada no que serve de base para o que Saussure produziu.

A autora começa se perguntando o que faz de Saussure essencial. E, realmente, é uma excelente pergunta, pois este é um livro que, tendo sido publicado em 1916, e não tendo sido escrito por quem tal livro é atribuído a, ainda assim é amplamente citado, revisto, comentado, combatido, rebatido, enfim. Gadet aproxima Saussure a Freud e Copérnico. Freud tirou o homem do centro de sua vida – não é ele quem está no controle. Copérnico tirou a Terra do centro do universo – não é o sol e as estrelas que giram em torno da Terra. Saussure tirou do homem a mestria de sua *língua*. Ao mostrar que a *língua* é um sistema cujos recursos são exteriores ao homem e à realidade psíquica, "*a teoria saussuriana produziu um efeito de desconstrução do sujeito psicológico livre e consciente que reinava na reflexão da filosofia e das ciências humanas que nasciam, no final do século XIX*".⁸ (p. 7). Ela enfatiza que Saussure foi um linguista, pois é a partir de uma prática gramatical sobre as línguas que ele reflete e fundamenta suas reflexões.

Considerando a forma como o CLG foi editado, contribuições começaram a ser adicionadas e edições críticas, com mais informações tanto sobre o autor quanto sobre o material que serviu de fonte, começaram a surgir. Hoje em dia já não se pode pensar no CLG e não levar em consideração essas edições. "*Ler o CLG não é mais apenas ler o CLG.*" (p. 11)

A questão dos "dois Saussures" é, mais uma vez, retomada⁹. Saussure é conhecido por suas (ao menos) duas personas: o linguista, professor genial, cientista que mudou o curso de

⁸ Todas as traduções são minhas. *Saussure Une Science de la Langue*, de Gadet

⁹ Apesar de não ser tratado neste trabalho, esse assunto aparece nessas leituras feitas.

uma ciência. Ou o Saussure obscuro, interessado por anagramas na literatura. O Saussure noturno e o diurno. Interessante que, de qualquer maneira, nenhum dos dois publicou.

Gadet, no entanto, ao contrário do que parece ser a norma, procura a coerência entre esses dois Saussures, entre o dia e a noite. A Saussure foi imputada a responsabilidade pelo livro que fez nada mais nada menos que fundar o estruturalismo, que foi a corrente dominante do pensamento das ciências humanas por um longo período. Por ser este o texto principal, o que mais deu frutos, o que mais foi estudado, o que mais influenciou pensadores, é este o livro que Gadet tomará como base de sua escrita (p.13/14).

Gadet, no entanto, fala que a leitura que ela pretende fazer de Saussure neste livro não é uma leitura tradicional, a leitura das oposições, a leitura dos conceitos isolados. Ela quer fazer uma leitura global, uma leitura na qual todos os conceitos têm relações uns com os outros.

"De fato, Saussure é muito frequentemente apresentado através de uma série de conceitos enunciados isoladamente: língua/fala, signo/significante/significado, sincronia/diacronia, sintagma/paradigma, sistema e valor... Mas, qual é a relação entre estes diferentes conceitos? Uma leitura global supõe tal relação" (p.14)

Saussure que nos mostra Gadet é um homem brilhante, mas é um gênio cheio de dúvidas e dilemas, uma pessoa que não se vê como a criadora de uma grande teoria mas que, sem dúvida, sabe da necessidade de se trabalhar a terminologia da linguística se se quiser que ela evolua e seja levada a sério. Numa conversa com Gautier, Saussure admite sua dúvida sobre como tratar deste assunto, a língua, com seus alunos no curso.

"Ou eu exponho o assunto em toda a sua complexidade e assumo todas as minhas dúvidas, o que pode ser inconveniente para uma matéria que será assunto de prova. Ou então eu faço alguma coisa simplificada, melhor adaptada a um auditório de estudantes que ainda não são linguistas. Mas, a cada passo, me acho impedido por escrúpulos". (p17).

Também nesta conversa Saussure compara a linguística à geometria: abundam teoremas cujas demonstrações faltam. Na sequência de sua explicação, Saussure explica que a distinção *língua/fala* serve apenas para tirar do assunto tudo o que for fisiológico, restando apenas o que ele chama de 'matéria psíquica'. (p.17)

A autora também retoma as dúvidas e críticas quanto à escrita do CLG, pois ela, também, se vê numa das encruzilhadas dessa questão: qual ordem adotar? (p. 26). Numa outra conversa, Saussure comenta a dificuldade de acertar a partir de qual ângulo tomar a língua, já que ela se presta a ser vista, estudada e tomada de vários lados (p. 25). Ou seja, isto é um problema da matéria em si, não de método. Por isto, segundo Gadet, é preciso ler o CLG sabendo que o ângulo de aproximação ainda está por ser encontrado (p. 25), se é que algum dia isto será possível.

A famosa última frase do CLG – que levou vários linguistas estruturalistas a interpretar o pensamento saussuriano com exclusivismo acentuado, desconsiderando o dinamismo do sistema, o condicionamento social, a ligação com a História – foi criada pelos editores (p.24) provavelmente para dar um ar de coerência ainda maior ao CLG, que começa marcando a língua como objeto e termina nesta ênfase retomada e reforçada.

Saussure do CLG é um Saussure de quem apagaram a humanidade, as dúvidas, as inquietações, as confusões. "*De um sábio inquieto, fizeram um mestre*" (p. 24). Gadet admite a necessidade de tal ação no início, mas, agora, é tempo de se interessar pelo que Saussure via de inquietude na linguística geral, pesquisar as variações, aquilo que instiga o pensamento.

Sobre o objeto da linguística, que seria a língua, Gadet repete a famosa frase de Saussure: "*É o ponto de vista que cria o objeto*". A autora, então, retoma os pontos do CLG sobre a *língua*. A questão social se dá quando se pensa nas diferentes línguas de diferentes nações: língua francesa, língua inglesa (p. 73). Outra frase de Saussure que ela cita é "*não há objeto anterior à análise*". Sendo assim, o que fez Saussure foi filtrar o que ele tinha em suas mãos, a partir de questionamentos próprios dele e análises. É assim que ele chega, por exemplo, à comparação com o jogo de xadrez. Retirando-se o que há de externo à *língua*, Saussure tenta limpar seu objeto. E assim chega-se à separação da linguística das suas vizinhas etnologia, pré-história, antropologia, sociologia, psicologia social, fisiologia e filologia (p. 74). Gadet aponta este fato como uma das diferenças entre Saussure e o que se fazia em sua época: linguística interna versus linguística externa (p. 75).

Retomando o *signo*, Gadet esclarece outras dicotomias: *língua e realidade* e *língua e pensamento*. Quanto à primeira, ela confirma a separação radical que se faz entre o que for de referência à realidade, se restringindo ao domínio do *signo*. Quanto à segunda, a língua aparece como uma interface entre o pensamento e o som (impressão acústica), o que delimita reciprocamente suas unidades (p. 75). "*É assim posto que não há pensamento independente da língua. Não há anterioridade do significado sobre o significante*" (p. 75). Gadet conclui, assim, citando Saussure, que "*o único objeto real da linguística é a vida normal e regular de um idioma já constituído*" (p. 76).

Gadet também retoma uma característica dos escritos de Saussure, explicando o porquê de tal uso. É sobre as palavras *espiritual* e *psíquico* que, em Saussure, aparecem como o que hoje chamaríamos de *abstrato*. Numa época kantiana, que era a de Saussure, a palavra abstrato tinha uma conotação negativa, o que o levou a usar esses quase equivalentes, mais aceitáveis para ele e sua época (p. 79).

Gadet, como já dito, também questiona a ordem do CLG. Saussure teria ido da *fala* à *língua*. Saussure teria dito que a distinção *fala* e *língua* era de 'primeira grandeza' em seu sistema, o que teria levado ao exagero visto no CLG. No entanto, chega-se a esta distinção por um caminho, e não dado como é feito no CLG. Primeiro se interroga a questão *sincrônica* e *diacrônica*. Em segundo lugar, se trata do caráter arbitrário do *signo*. Em terceiro lugar, compreende-se o *valor* e chega-se à *língua* como forma. Por fim, se conclui a oposição *língua* e *fala*. Esta teria sido a organização do terceiro curso dado por Saussure e o que aparentemente mais se aproxima do que Saussure vinha fazendo e aprimorando (p. 79).

Outra coisa apontada por Gadet é que, nos Sources, Saussure mostra que a *língua* tem um aspecto coletivo e outro individual, mas no CLG, apenas à *fala* é atribuída a liberdade do sujeito falante (p. 82).

A leitura de Gadet foi, sem dúvida, a mais interessante para os objetivos deste trabalho. Ela foi, dos autores lidos, quem mais tratou Saussure como o linguista que ele foi. A leitura deste livro foi a que mais acrescentou a este trabalho sobre Saussure, a que mais

ofereceu elementos de questionamentos e conhecimento do que realmente foi – e é – o CLG e o próprio Saussure. Gadet pareceu advogar uma leitura que buscou os fundamentos que servem de base ao que Saussure pensou, como ele pensou a linguagem.

Veremos que também é possível ler Saussure dando crédito ao que ele fez e representou fazendo, ao mesmo tempo, uma homenagem veemente ao homem.

Émile Benveniste – Uma homenagem

Émile Benveniste foi um linguista importantíssimo por ter levado a linguística a dar mais um passo no conhecimento do que é a linguagem e como a língua funciona. Ele fez isso sem deixar de prestar homenagem a Saussure, ao que ele fez, ao que ele começou para que mais pudesse ser feito. O que vemos aqui é exatamente esta homenagem ao homem acima da obra, ao gênio e seu legado. Considerado excelente leitor de Saussure, sabe da indelével influência de Saussure em tudo o que hoje é a linguística. No texto em que homenageia Saussure nos 50 anos de sua morte, Benveniste reconhece seus feitos e sua grande influência em toda e qualquer grande teoria linguística.

Em seu texto "*Saussure après un demi-siècle*", Benveniste faz duas perguntas, a saber: "O que é que Saussure deu à linguística de seu tempo e em quê ele influenciou a nossa?" (p. 32)

Para respondê-las, Benveniste diz que o trabalho de Godel, *Les Sources Manuscrites du Cours de Linguistique Général de Ferdinand de Saussure* 1957, é uma contribuição preciosa. Benveniste, no entanto, se aterá a falar sobre o que animou (de anima, alma) e constituiu Saussure.

Este autor diz que Saussure, como todo criador, tem uma série de características que, mesmo difíceis de reconhecer, são de importância crucial para situar o pensador em questão frente a nós e nosso tempo. Ainda segundo Benveniste, Saussure foi capaz de ver na língua toda a sua complexidade e a diversidade de fatores a ela associados de modo que a pergunta a ser feita era "O que é próprio da língua?" ou "Onde está a língua mesma?".

A partir desta pergunta, Benveniste faz outras duas, mais precisas, perguntas no que concerne a doutrina de Saussure (p. 33):

"1ª *Quais são os dados de base sobre os quais a linguística se fundará e como chegar a eles?*"

"2ª *Qual a natureza das noções de linguagem e por qual modo de relação elas se articulam?*"

Benveniste aponta, então, como Saussure, desde seu início genial com a *Mémoire*, já via as vogais como um sistema e as queria estudar como um todo, no conjunto.

Citando o próprio Saussure, Benveniste mostra como ele sempre esteve interessado nos "*dados elementares*" (p. 34) da língua, na sua procura pelo que constitui a língua.

Após o *Mémoire*, Saussure é desencorajado, pelos cientistas de então, a continuar seu trabalho. Este, tendo sido incompreendido ou hostilizado, teve melhor sorte em Paris, onde Saussure encontrou um orientador especial e pupilos que foram marcados por seus ensinamentos. Benveniste passeia pelos questionamentos do Saussure de então:

"O que muda e o que permanece?"; "Como dizer que um dado linguístico tomado em dois momentos da sua evolução é o mesmo dado?"; "Em que reside esta identidade, e, já que ela é posta pelo lingüista ente dois objetos, como a definir?"; "É preciso um corpo de definições. É preciso enunciar as relações lógicas que estabelecemos entre os dados, os traços ou os pontos de vista sob os quais os trataremos" (p. 34).

Após uma breve explicação do que se encontra no *Mémoire*, Benveniste segue falando da genialidade do mestre genebrino, da profundidade de suas análises. Porém, como se sabe, sua produção foi diminuindo e, após a sua volta à Genebra, cessa completamente. Benveniste nos lembra, contudo, que Saussure não parou de trabalhar. O silêncio de Saussure é, na

realidade, sua voz contra tudo o que era ensinado sobre linguística na sua época. Este "*drama do pensamento*", como o chama Benveniste, resulta de incapacidade que Saussure experimenta de publicar aquilo que o interessa sem antes ter que falar sobre os fundamentos da teoria linguística. Isto foi claramente expresso na carta a Meillet (de 04/01/1894), que é sempre citada – e o é também por Benveniste – como prova deste drama. Benveniste elucubra que possivelmente foi esta fuga que também levou Saussure a mergulhar nos anagramas. Entretanto, para Benveniste, foi também este drama que transformou a linguística: estas dificuldades o forçaram a forjar esta nova ciência.

Estudar uma língua implica estudar a linguagem. Sendo assim, Benveniste continua, a língua não é um objeto de realidade objetiva, não é simples e não é suscetível a uma apreensão total. Ela não existe por si mesma. Logo, para Saussure era preciso que os linguistas soubessem o que eles faziam, a partir de qual ponto de vista definido eles chegariam à língua.

Benveniste, então, nos mostra quão diferente Saussure foi dos outros linguistas de sua época. Seus trabalhos eram divergentes, já que Saussure tinha preocupações teóricas que não pareciam atrapalhar os outros.

Se o CLG nunca foi escrito, ainda assim ele nasceu das aulas de linguística geral que Saussure tinha que dar. Sua marca foi tamanha que três pessoas se juntaram para recolher tudo o que havia sido anotado em aula durante os três cursos dados para que suas ideias não ficassem restritas àquelas pessoas que cursaram sua disciplina.

Benveniste nos apresenta uma nota do próprio Saussure onde ele trata exatamente do objeto da linguística: a língua. Nela, Saussure fala da natureza do objeto e, conseqüentemente, da ciência: um objeto que não é material, que não é dado, que não é firme, que só aparece quando a ciência lhe define à sua percepção, ao modo como ela abordará seu objeto de estudo.

Benveniste, num elogio ao mestre, diz que sua doutrina abarca a totalidade do objeto em questão. O princípio que Benveniste usa para demonstrar isto é o de que a linguagem é sempre um objeto formado por duas partes, qualquer que seja o ponto de vista. Este mesmo princípio é tratado, aliás, como o centro da doutrina saussuriana. Tanto que ele afirma que nada na linguagem pode se resumir a um só termo (p. 40). Saussure (citado por Benveniste) continua:

"Como a linguagem não nos oferece sob nenhuma de suas manifestações uma substância, mas apenas ações combinadas ou isoladas de forças fisiológicas, psicológicas, mentais; e como apesar de todas as nossas distinções, toda a nossa terminologia, todas as nossas maneiras de falar se dão sobre esta suposição involuntária de uma substância, não podemos nos negar, acima de tudo, a reconhecer que a teoria da linguagem terá como tarefa mais essencial a de desembaraçar aquilo que ela é das nossas primeiras distinções." (p. 41).

E ele, então, questiona como os linguistas puderam trabalhar sem definições de uma teoria que reconhecesse tais características da linguagem.

Benveniste nos convida, através de Saussure, a tomar a linguagem de forma consciente – e não mais nos moldes das abstrações e generalizações que fazemos inconscientemente, praticamente automaticamente. Fica, portanto, reforçada a ideia de que não se pode tomar um aspecto da linguagem e crê-lo anterior ou primordial.

E, assim, ainda citando o próprio Saussure, Benveniste nos 'entrega' a regra de ouro da linguística: *"o liame que se estabelece entre as coisas preexiste e serve para lhes determinar"* (p. 41).

Benveniste passa, então, a nos listar os desdobramentos do CLG e dos ensinamentos de Saussure: Troubetzkoy e Jakobson com a fonologia; o estruturalismo; mesmo a linguística americana, que com Bloomfield reconhece em Saussure e na sua distinção *langue e parole* a base teórica para uma ciência da fala (speech) humana (p. 43).

Como diz Benveniste, ao fundar a semiologia, Saussure penetra nas ciências humanas. E, sendo a linguística um problema semiológico, só restaria aos linguistas, então, definir o que faz da língua um sistema especial nesse todo semiológico. Logo pesquisadores começaram a investigar se a característica da língua de ser composta de signos não seria, também, a mesma que constitui a cultura (p. 44).

Benveniste termina por nos mostrar o homem Saussure, atormentado pela sua razão, sem ter outro interlocutor que seus alunos, porque incapaz de ensinar algo "falso ou ilusório", mas que também não via nas suas ideias a maturidade necessária para publicação.

Saussure morreu desconhecido, mas foi, à época deste texto de Benveniste, festejado por sua influência profunda nos estudos da linguística e daquilo que concerne ao homem como ser de cultura. As ideias saussurianas deram frutos, originaram novos estudos. Saussure superou sua vida terrestre através de suas ideias e *"este destino póstumo se tornou como uma segunda vida, que se confunde com a nossa"* (p. 45).

Talvez Benveniste tenha sabido como dar mais um passo nessa ciência exatamente por ter sabido ler Saussure. E, como todo grande homem, tem a dignidade de assumir sua dívida de conhecimento, fazendo uma leitura cheia de desejo, aquele desejo de escrever de que nos falou Barthes.

Desdobramentos

Esse trabalho teve como fio condutor um trabalho de leitura. E da leitura é possível sair muitas coisas, muitas novas ideias, muitos questionamentos. Algumas dessas ideias são apresentadas a seguir.

De tudo isto, talvez o mais importante seja a questão da ordem no CLG. A distinção *língua e fala* é apenas um resultado lógico do pensamento de Saussure. Não é esta distinção que funda a linguística. No entanto, esta distinção ainda hoje guia muitos linguistas. *Língua e fala* é apenas, como diz Saussure, uma bifurcação encontrada no caminho do conhecimento da linguagem e ele opta pela *língua* como representante do que é geral, social, quando comparada à *fala*, que é a manifestação individual, voluntária, específica da *língua*, que é uma das formas da linguagem humana. O que é a linguagem e para que ela serve, como ela se configura, tudo isto pouco é questionado no âmbito de certas áreas da linguística. A *língua* é uma das facetas, sem dúvida. Mas o que funda a linguística é, na verdade, a questão do sistema sem essência, sem conteúdo, sem positivo, que é guiado por esta grande abstração, que é o valor. Vemos em Valdir Flores, por exemplo, esta conclusão no texto "*O Linguista e a Linguística no CLG*":

"(...) Ferdinand de Saussure é normalmente associado a uma série de dicotomias: significante, significado; paradigma, sintagma, diacronia, sincronia; e a mais famosa: língua e fala.

Ora, Saussure nunca tomou essas dicotomias como dicotomias *stricto sensu*. Aliás, parece-me mais que Saussure falou em um terceiro elemento mediador da relação binária. Saussure pensou em uma relação que facilmente seria aprovada aos olhos dos dialéticos. Veja-se: para a dicotomia significante/significado, há o signo; para paradigma (que Saussure chamava de eixo associativo)/sintagma, há o sistema; para diacronia/sincronia, há a pancronia; para língua/fala, há a linguagem. Tudo orquestrado pela noção de valor.

Em suma: tese, antítese e síntese. E tudo sob a égide de um grande terceiro: o valor.

Assim, cabe indagar: será que Saussure foi um estruturalista? Ou seria mais correto dizer que se fez uma leitura estruturalista de Saussure?" (p. 8-9)

E mais uma vez nos deparamos com a ideia da leitura feita de Saussure.

Ainda hoje é fantástico pensar a ideia de sistema de Saussure. O fato de não haver dados positivos, ou seja, reais, materiais, tangíveis. O fato de que tudo depende da sua relação com os outros componentes do sistema. A ideia de oposições. A dualidade que não se permite à unicidade por risco de perder seu sentido e acabar num vazio infértil. Porém, acima de tudo, que tudo isto esteja regido pelo valor que cada peça possui no sistema, valor este que só pode ser apreendido no sistema em si – onde nada de fora é importante até que tenha sido incorporado pelo sistema. Os fatos da língua estão dentro do sistema e ali precisam permanecer para que possam ser compreendidos ou estudados sem correr o risco de descaracterizar a linguagem e, conseqüentemente, chegar a conclusões erradas.

Pode-se dizer, então, que há *língua* e *fala* porque há linguagem. Sem linguagem, não teríamos uma *língua*, qualquer que ela seja. Aliás, é a linguagem que todos os seres humanos têm em comum, mesmo que falem *línguas* diferentes. Em outros termos, a linguagem permite que haja *língua* e *fala*. A linguagem funda a *língua*. Se fôssemos colocar isto numa imagem, uma analogia poderia ser feita: eu-tu/ele¹⁰. A fundação do sujeito se dá numa relação trina, assim como a língua só é possível se há um *eu* que funda um *tu* que permite um *eu* que fala sobre um *ele*. É essa trindade natural que é reproduzida ao pensarmos na linguagem como parte integrante da 'dicotomia' *língua-fala*. Sobre o sujeito, desde a psicanálise, sabe-se que o homem torna-se de fato sujeito ao participar de uma tríade: mãe, pai e criança.

A linguagem é tão humana que parece que o modelo pode ser aplicado a tudo o que é exclusivamente humano. E assim foi feito por Lévi-Strauss ao ler as sociedades e por Lacan, ao ler o homem. Como diz Benveniste, é uma "*Tese paradoxal que ainda hoje pode surpreender*" (p. 41).

Saussure é uma fonte inesgotável de ideias e conceitos, insights sobre a linguagem humana, que ainda tem muito o que ser estudado, pesquisado, lido e pensado. Saussure já ocupa seu lugar, mas temos lido muito pouco o que ele escreveu, suas publicações, manuscritas ou não. Um homem que ainda não parece ter achado seu tempo, tempo em que a linguagem seria estudada. Ao nos atermos aos detalhes da língua, à sua descrição, perdemos de vista o quadro daquilo que realmente poderia nos levar ao conhecimento dessa faculdade

¹⁰ Dufour, *Os Mistérios da Trindade*.

que nos torna humanos. Parece-me que pesquisar a linguagem é apenas o primeiro passo – e, logo, o mais importante – na compreensão do ser humano como tal.

Escrevi este trabalho porque queria conhecer mais e melhor o CLG e Saussure. Acabei me encontrando com diversas leituras do CLG, cada uma com sua própria peculiaridade, seu próprio viés teórico, cada uma investida de Desejo, diferentes desejos, sem dúvida. Devo, então, concordar com Claudine Normand quando ela diz, em *Saussure*,

"A maneira como ele [Saussure] colocou em questão, no seio de uma ciência até ali tranquilamente positivista, tudo o que dá para um sujeito falante a garantia de seu discurso e de sua consciência, continua perturbador até hoje. Antecipando Freud, como já dito, e retomado a sua maneira por Lacan, ele chamou atenção, quase apesar dele mesmo – porque ele apenas procurava a racionalidade – para a atividade estranha do ser falante, ao mesmo tempo consciente e inconsciente das operações que ele lança mão, tomadas de uma língua que só existe porque ele a faz com os outros e que lhe impõe como do exterior aquilo que ele crê escolher dizer. A ciência positiva da linguagem precisa indubitavelmente redescobrir este potencial crítico, e é por isto que é importante retomar a leitura do CLG..." (p. 159)

Ainda em Normand, lemos que o CLG

"continua sendo uma fonte de ideias, de reflexão absolutamente original sobre a linguagem, a especificidade do objeto-língua, as armadilhas da evidência e da trivialidade nas ciências humanas, e como esta leitura é estimulante, mesmo para os linguistas!" (p. 13)

E, ainda na voz da linguista Normand, "*Se se procura a última palavra de uma teoria e a verdade de um pensamento, é melhor renunciar a Saussure.*" (p. 157). Ler o CLG é uma experiência pessoal, é entrar em contato direto com o que deu início a tantos outros textos, tantos outros estudos e teorias. É dar a si mesmo a possibilidade de se deixar convocar, de descobrir dentro de si questionamentos interessantes e ricos sobre a língua, a linguagem e o homem. Cada leitor do CLG trará seu desejo para a leitura e dela lucrá na medida da sua busca, mas apenas citações, conceitos desconectos, anedotas, não darão ao linguista a oportunidade de se deixar questionar pelas ideias e indagações de Saussure.

Não ler Saussure significa ignorar questões significativas, que parecem ter sido abandonadas. A língua não é objeto fácil, evidente. E os estudos que fazem dela estão longe do que intrigava Saussure, como nos diz Normand. Ela, porém, também nos mostra que, mesmo com palavras diferentes, o debate saussuriano continua vivo.

Quanto à interpretação, Proust nos diz que, por vir da mesma linha de pensamento, o autor faz do seu texto a sua imagem fiel (p. 49). Saussure não escreveu seu próprio livro e, por isto, se pode questionar que o CLG seja sua imagem. No entanto, isto só aumenta o fascínio desta empreitada que, em todo caso, representa o que Saussure questionava. Criticar o modo de produção do CLG, sua ordem e tudo o mais não é razão para simplesmente desconsiderar tudo o que o CLG significou e ainda tem potencial para significar, originar, em se tratando de linguagem.

Ítalo Calvino nos diz, em *Porque Ler os Clássicos*, que "*Toda primeira leitura de um clássico é na realidade uma releitura.*" Isto porque eles chegam às nossas mãos já marcados por outras leituras, já atravessados por várias marcas culturais. Ademais, o CLG também já nos chega marcado pelas leituras anteriores, pela leitura dos nossos professores, pelas citações que tantas vezes aparecem alhures, em outros textos. Além disso, ele continua, "*Um clássico é uma obra que provoca incessantemente uma nuvem de discursos críticos sobre si*", coisa que como vimos, o CLG provocou. E, por fim, ele complementa: "*Os clássicos são livros que, quanto mais pensamos conhecer por ouvir dizer, quando são lidos de fato mais se revelam novos, inesperados, inéditos.*" E é exatamente porque o CLG é um clássico, uma obra que nos soa tão familiar, que nos parece tão conhecida, que ela precisa ser lida. Lido diretamente. Lido para que deixemos o Desejo falar em nós. Lido para nos dar a chance de fazer a nossa própria interpretação, nos permitindo ter essa conversa com Saussure, deixar que ele nos fale diretamente. Lido pelos pensamentos novos, inesperados, inéditos.

Bibliografia

- BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. Martins Fontes, São Paulo, 2004
- BENVENISTE, Émile. *Problèmes de linguistique général, I*. Gallimard, Paris, 1966
- CALVET, Louis-Jean. *Saussure: pró e contra para uma linguística social*. Ed. Cultrix, São Paulo, 1977
- CALVINO, Ítalo. *Por que ler os clássicos*. Companhia das Letras, São Paulo, 1993
- CULLER, Jonathan. *As Ideias de Saussure*. Ed. Cultrix, São Paulo, 1979
- DUFOUR, Dany-Robert. *Os Mistérios da Trindade*. Ed. Companhia de Freud, Rio de Janeiro, 2000
- FLORES, Valdir. *O linguista e a linguística no CLG*. Porto Alegre, 2009 (disponível em <http://seer.uniritter.edu.br/index.php/nonada/article/viewFile/83/72>)
- GADET, Françoise. *Saussure Une Science de la Langue*. Philosophies. Ed. PUF, Paris, 1987
- MOUNIN, Georges. *Saussure ou le structuralisme sans le savoir*. Philosophes de tous les temps. Editions Seghers, Paris, 1968.
- NORMAND, Claudine. *Saussure*. Les Belles Lettres, Paris, 2004
- PROUST, Marcel. *Sobre a leitura*. Pontes Editores, Campinas, SP, 2011
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. Ed. Cultrix, São Paulo, 2006